

M

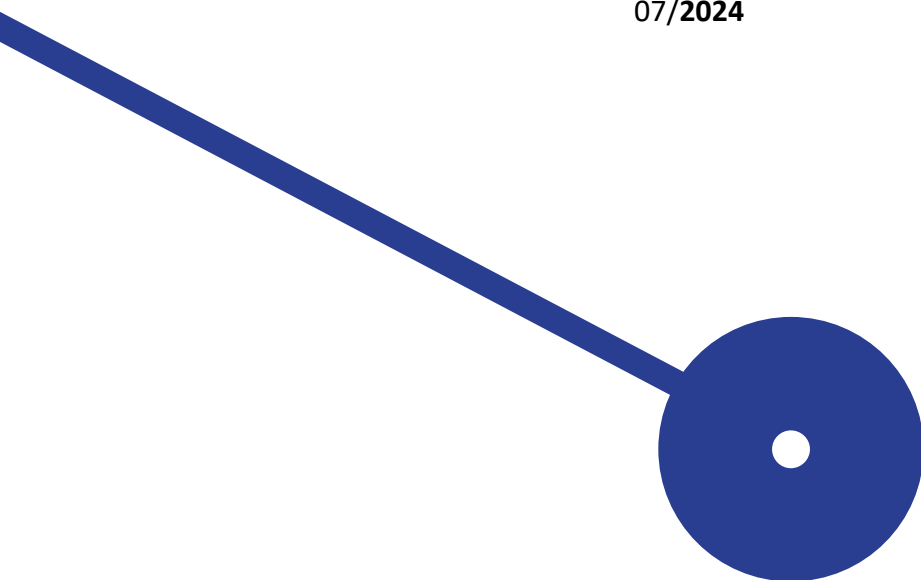
MESTRADO

Em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no
2º Ciclo do Ensino Básico

O Património Local como eixo para a Prática Educativa Supervisionada

Cláudio Chaves Pinheiro

07/2024



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Cláudio Chaves Pinheiro

**Património Local como eixo para a Prática Educativa
Supervisionada**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico e Português e História e
Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico**

Orientação: Professora Doutora Carla Ribeiro

Porto, julho de 2024

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Cláudio Chaves Pinheiro

**Património Local como eixo para a Prática Educativa
Supervisionada**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e Português e História e
Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico**

Orientação: Professora Doutora Carla Ribeiro

Supervisores de Estágio: Doutora Cristina Maia, Doutora Paula Flores e Doutor José
António Costa

Porto, julho de 2024

AGRADECIMENTOS

Foi uma longa caminhada, que apesar de alguns percalços e com muitos desafios, tudo se revelou muito gratificante. Seria impossível realizar esta jornada sem apoio, e desta forma gostaria de demonstrar às seguintes pessoas a minha gratidão:

Primeiramente à Professor Doutora Carla Ribeiro, que sempre esteve disponível para me ajudar ao longo de todo o estágio e muito prestável ao longo da orientação, contribuindo com um grande conhecimento e com a sua experiência e que me ajudou a melhorar nas minhas limitações, mesmo quando por vezes as melhorias não apareciam, e também sempre me tentou compreender.

Aos Professores Supervisores, que me ajudaram muito a melhorar na minha prática, pois graças aos seus conselhos e apoio consegui evoluir e tornei-me muito mais capaz nas minhas intervenções muito devido às suas sugestões e dicas.

Às Professoras Cooperantes, que sempre me conseguiram compreender a mim e ao meu par pedagógico e sempre nos ajudaram com os seus conselhos e sugestões tanto nas planificações quanto em atividades planeadas com os seus conhecimentos das suas turmas.

Ao meu par pedagógico a quem agradeço todos os momentos em que me ajudou, quer seja a pensar em alguma tarefa, quer fosse nos momentos de intervenção que sempre me ajudou em tudo o que precisava, e sempre esteve presente ao longo de todo o estágio.

Aos meus alunos que sempre demonstrava alegria quando chegávamos, quando sabiam que seriam uma aula dada por nós, o que facilitava muito as intervenções, que sempre demonstraram uma grande participação e interesse nas aulas e tornaram o estágio incrível, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha família que foi o meu maior apoio e que merece o meu obrigado todos os dias, por estar sempre do meu lado nos momentos bons, mas sobretudo nos momentos mais

diffíceis, e foram alguns, e por escutarem os meus desabafos sempre que precisava. Também agradecer por ter sempre orgulho em mim mesmo tendo falhado por vezes.

E por fim, agradecer aos meus amigos que sempre me apoiaram também, alguns também falavam das suas experiências e aconselhavam-me e por nunca me terem falhado, foram uma parte muito importante de todo o meu percurso.

RESUMO ANALÍTICO

O presente relatório está inserido como um dos elementos na Unidade Curricular (UC) Prática de Ensino Supervisionada, estando a mesma integrada no Mestrado de 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico. O grande objetivo com a realização deste documento, é fazer uma reflexão e analisar a prática educativa realizada ao longo de um ano letivo em ambos os ciclos de escolaridade, tendo em conta as especificidades de cada um dos ciclos.

Tendo em conta o trabalho realizado ao longo de todo o documento, apresentam-se alguns pressupostos legais e teóricos com o intuito de apoiar a prática desenvolvida ao longo deste trabalho.

Ao longo deste relatório será descrito a experiência do mestrando, os contextos educativos em que o mesmo esteve inserido e realizou a sua prática. Apresenta-se ainda uma pequena investigação educativa, realizada com o propósito de compreender os conhecimentos dos alunos sobre o Património Local da cidade onde realizam a sua formação e investigar nesse sentido.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada; reflexão; Património Local.

ABSTRACT

This report is included as one of the elements in the Curricular Unit (UC) Supervised Teaching Practice, which is integrated into the Master's Degree of 1st Cycle of Basic Education and Portuguese and History and Geography of Portugal of the 2nd Cycle of Basic Education. The main objective of creating this document is to reflect on and analyze the educational practice carried out throughout an academic year in both school cycles, taking into account the specificities of each cycle.

Taking into account the work carried out throughout the document, some legal and theoretical assumptions are presented in order to support the practice developed throughout this work.

Throughout this report, the master's student's experience will be described, as well as the educational contexts in which he was inserted and carried out his practice. A small educational investigation is also presented, carried out with the purpose of understanding students' knowledge about the Local Heritage of the city where they undertake their training and investigating accordingly.

Keywords: Supervised Teaching Practice; reflection; Local Heritage.

LISTA DE SIGLAS

AE- Aprendizagens Essenciais

AEC- Atividade de Enriquecimento Curricular

CEB- Ciclo do Ensino Básico

ESE- Escola Superior de Educação

HGP- História e Geografia de Portugal

NAS- Necessidades Adicionais de Suporte

PAA- Plano Anual de Atividades

PASEO- Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

PES- Prática de Ensino Supervisionada

TEIP- Território Educativo de Intervenção Prioritário

UC- Unidade Curricular

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
1. ENQUADRAMENTO CURRICULAR E PROFISSIONAL	12
1.1. ENQUADRAMENTO CURRICULAR	12
1.2. ENQUADRAMENTO PROFISSIONAL	14
1.2.1. SER PROFESSOR	14
1.2.2. OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR	18
2. OS CONTEXTOS EDUCATIVOS	20
2.1. O AGRUPAMENTO	20
2.2. CONTEXTO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	21
2.3. CONTEXTO DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO	23
3. ANÁLISE REFLEXIVA NAS INTERVENÇÕES EDUCATIVAS	26
3.1. 1º CEB	27
3.2. 2º CEB- PORTUGUÊS	33
3.3. 2º CEB- HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL	35
3.4. REFLEXÃO GLOBAL	37
4. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO “O PATRIMÓNIO LOCAL”	41
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
DOCUMENTOS LEGAIS	50
APÊNDICE	51
APÊNDICE 1	52

INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada (PES) inserida no plano de estudos do 2º ano de Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação (ESE) do Porto surge o presente Relatório de Estágio.

O percurso pedagógico correspondente à PES decorreu no ano letivo 2022/2023 e decorreu entre os meses de outubro de 2022 e junho de 2023. O estágio foi realizado em três turmas ao longo de todo o ano letivo simultaneamente no 1º CEB e no 2º CEB. O estágio do 1º CEB foi realizado numa turma de 4º ano de escolaridade, enquanto o estágio no 2º CEB foi dividido em duas turmas, ou seja, em uma turma do 5º ano de escolaridade, onde foi realizado o estágio na área curricular de Português e em uma turma do 6º ano de escolaridade na área curricular de História e Geografia de Portugal.

O trabalho realizado durante a PES foi concretizado em simultâneo nos dois ciclos de escolaridade como referido anteriormente, e foi sempre realizado de forma consciente tendo em conta o ano de escolaridade e a turma que se destinava e a área curricular que estava a ser trabalhada. O que “facilitou” o trabalho foi o apoio tanto do par pedagógico, como das professoras cooperantes e dos professores supervisores, que sempre ajudaram no sentido de detetar erros/ falhas, como poderiam ser melhorados e ajudaram a evoluir enquanto professor estagiário.

O presente documento tem um carácter reflexivo e procura demonstrar as principais aprendizagens realizadas ao longo da PES.

Dessa forma este documento está dividido em quatro capítulos. Depois da introdução segue-se o primeiro capítulo, onde será enquadrado em termos legais o mestrado, bem como serão abordados dois temas emergentes da prática profissional.

Os segundo e terceiro capítulos contemplam uma descrição e análise reflexiva, onde o foco estará em analisar o contexto onde decorreu a PES, analisar detalhadamente cada turma

e como foi a experiência enquanto professor em formação em cada um dos ciclos e em cada ano de escolaridade.

O quarto capítulo é relacionado com o projeto individual realizado na PES, mais concretamente “O Património Local”.

Por fim, será as Considerações Finais, que consistirá num momento de reflexão de pós-ação, de como se desenrolou toda a PES, as aprendizagens, como foram ultrapassados erros, receios e o impacto que o estágio teve enquanto futuro professor.

1. ENQUADRAMENTO CURRICULAR E PROFISSIONAL

Este capítulo tem como intuito abordar os princípios que deram origem a este mestrado, e a forma como o mesmo se estrutura; procurar-se-á igualmente refletir com base nos pressupostos teóricos sobre duas temáticas: a profissão docente e o seu exercício, bem como os desafios da profissão.

1.1 ENQUADRAMENTO CURRICULAR

No ano de 2005 o Programa do XVII Governo definiu como um dos principais objetivos assegurar a qualificação dos portugueses no espaço europeu, dando-se assim início ao processo de Bolonha, presente no decreto-lei nº 74/2006. Assim desta forma a 30 de agosto a lei nº 49/2005 modificou a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Em 2006, como referido anteriormente, o Processo de Bolonha procurou conferir coerência ao ensino superior, tendo adotado um modelo de ensino em três ciclos de estudo, a Licenciatura (1º ciclo), seguido do Mestrado (2º ciclo) e por último o Doutoramento (3ºCiclo). A introdução do Sistema Europeu de Transferências de Créditos (ECTS) teve como intuito ajudar os estudantes a deslocar-se entre outros países e a obter o reconhecimento das qualificações académicas e dos períodos de estudos no estrangeiro.

Com o decreto-lei nº 43/2007, é aprovado o novo regime jurídico de habilitação profissional para a docência, tornando-se obrigatório a frequência de um mestrado profissionalizante para tal. Neste sentido e tendo também em conta o aumento dos domínios de especialização do docente, pelo decreto-lei nº 79/2014 foram criados os mestrados de 1º CEB e 2º CEB de Português e História e Geografia de Portugal e de 1º CEB e 2º CEB de Matemática e Ciências Naturais.

A criação destes mestrados teve como intenção realizar uma separação das áreas curriculares do 2º CEB, com a ideia de existir uma formação com maior rigor e aprofundamento nas áreas de especialidade, com a motivação de serem formados professores especializados para as áreas curriculares do 2º CEB mencionadas anteriormente, a saber: Português, História e Geografia de Portugal, Matemática e Ciências Naturais.

Relativamente a este mestrado, de Ensino do 1º CEB e em Português e História e Geografia de Portugal no 2º CEB a Prática de Ensino Supervisionada tem um valor de 49 ECTS, tendo decorrido ao longo de todo o segundo ano letivo do mestrado e é fundamental para os professores em formação permitindo o contacto real com a profissão, nomeadamente: aplicar conhecimentos científicos, pedagógicos, didáticos e culturais no desenho, desenvolvimento e avaliação de projetos educativos e curriculares e construir uma atitude profissional crítico-reflexiva e investigativa que potencialize a tomada de decisão em contextos de incerteza e complexidade da prática docente, através do exercício sistemático de reflexão sobre, em e para ação.

O decreto-lei nº 240/2001 de 30 de agosto definiu o perfil geral de desempenho do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário. Nesta instância o foco do decreto-lei estará no perfil do professor de ensino básico, que refere aspetos como: o professor de ensino básico desenvolve as aprendizagens, mobilizando integralmente saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem, promove a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1.º ciclo com as da educação pré-escolar e as do 2.º ciclo, avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização, e desenvolve nos alunos hábitos de autorregulação da aprendizagem. Neste sentido, os textos que se seguem procuram refletir sobre a profissão docente e os seus desafios no século XXI.

1.2. ENQUADRAMENTO PROFISSIONAL

1.2.1. SER PROFESSOR

O estágio possibilitou analisar detalhadamente a profissão docente e a sua importância. Dessa forma e tendo em conta toda a experiência que foi adquirida ao longo de todo o período da Prática de Ensino Supervisionada, um dos pontos fulcrais do ser professor é a importância que o mesmo representa na sala de aula.

Segundo Fernandes (2021), o professor tem de ter múltiplos conhecimentos de forma a ter a capacidade de responder à heterogeneidade dos alunos que estão presentes nas suas turmas. É relevante destacar a importância que o professor tem no desenvolvimento do aluno como alerta a autora, “Por muito que a sociedade evolua e as suas exigências se alterem o papel de um professor será sempre essencial na vida de uma criança.”. (p.33).

De acordo com Guimarães (2014), ser professor requer uma grande polivalência de forma a ter a capacidade de promover e também desenvolver diferentes planos de intervenção tendo em conta os alunos que tem dentro da sua sala de aula.

Ao longo do tempo a educação foi sofrendo alterações, e atualmente o aluno está no centro da aprendizagem, o aluno obviamente aprende com o conhecimento do professor, mas o professor também aprende com o aluno. “Atualmente, o modelo educacional que vigora para além de ser bastante mais completo e complexo, valorizando a individualidade de cada aluno e centralizando em si as suas aprendizagens, procura responder às exigências da sociedade, bem como à sua evolução, o que leva uma maior responsabilidade e para as escolas.” (Mendes, 2011 citado por Fernandes, 2021, p. 31). O que a autora refere vai de encontro ao paradigma sócio construtivista: “O Construtivismo afirma que o conhecimento é o resultado da construção pessoal do aluno, o professor é um importante mediador do processo ensino-aprendizagem. A aprendizagem não pode ser entendida como resultado do desenvolvimento do aluno, mas sim como desenvolvimento do próprio aluno. (Fossile, 2010 citado por Barbosa, 2015).

O professor tem de ser muito seletivo não só na forma como leciona as suas aulas, tendo em conta a sua turma e na seleção de estratégias mais eficazes para a aprendizagem. (Guimarães, 2014).

Tendo em conta a experiência enquanto professor em formação, outro ponto importante no papel do professor na sala de aula é o seu à “vontade” relativamente aos conflitos, sendo que a existência de conflitos faz parte do ambiente de sala de aula e um aspeto importante é a capacidade do docente em gerir e resolver esses conflitos. Segundo Sousa (2014), os professores por norma declaram como o primeiro obstáculo na sala de aula o comportamento dos alunos e quando existe ausência de formação os professores demonstram não se sentir capazes de gerir conflitos.

Custódio (2018), refere que a gestão de conflitos deriva das ações do professor, através da organização da divisão de tarefas e das responsabilidades: a organização da turma em grupos, que obedece a regras de bom funcionamento, torna o clima de sala de aula mais harmonioso. O professor deve ter a capacidade de reconhecer a desorganização, a falta de regras e a acumulação de tarefas num aluno da turma, aspetos que propulsionam a possibilidade de ocorrerem conflitos na sala de aula.

Mas é muito importante que o professor seja capaz de gerir e solucionar os conflitos de uma forma pacífica e positiva. Pensar a gestão de conflitos positiva é essencial: “Em contexto escolar, pensar a gestão positiva de conflitos é equacionar abordagens ecléticas e que privilegiam a relação, a colaboração e o compromisso. A máxima é possibilitar aos indivíduos a utilização de diferentes estilos de gestão de conflito e assim adotarem medidas focadas nos interesses de cada pessoa, de cada grupo.”. (Custódio, 2018, p.29).

Desta forma é possível analisar a importância do papel do professor na sala de aula e no contexto educativo, pois para além de ser um agente de aprendizagem, transmissão e troca de conhecimento com os seus alunos, também é quem identifica, procura encontrar a origem do conflito, define diferentes estratégias de resolução e seleciona a mais indicada tendo em conta o conflito.

O professor tem de fazer o uso de toda a sua formação e conhecimentos acadêmicos e de toda a sua experiência e prática da profissão e é também muito importante que o professor conheça os seus alunos e a forma como cada um deles aprende, pois assim terá a capacidade de compreender se o aluno está a aprender, e caso esteja com dificuldades na aprendizagem, o professor deverá ser capaz de encontrar estratégias adequadas para esse aluno em específico. Em suma, o docente tem de conseguir desenvolver práticas de ensino que respondam aos diversos processos de aprendizagem de cada aluno tendo em conta as necessidades individuais num trabalho colaborativo. (Fernandes, 2021).

A planificação é um aspeto muito importante na ação educativa. A PES permitiu a oportunidade de ter uma experiência inicial da profissão e de experimentar, desenvolver e aprimorar o que é ser professor ao longo de todo o período da mesma, sobretudo as capacidades de planificar. O ato de planificação é crucial para o professor, pois nele expõe as estratégias e a forma como as desenvolveu, mas também a forma como desenvolveu cada tarefa/atividade. É também imprescindível o professor ter em conta o contexto e a turma para o qual a sua planificação se destina, pois é impossível realizar a mesma planificação para duas turmas distintas, pois as características dos alunos, o contexto da turma, a forma como realizam a aprendizagem será diferente em cada uma, por isso o contexto e a turma são os fatores mais importante quando se está a construir uma planificação.

Segundo Fernandes (2021), o professor é responsável pelo processo de ensino e aprendizagem e tem de ser capaz de motivar e orientar os seus alunos para o sucesso escolar.

Perrenoud (2000, citado por Souza, 2020) enumera algumas competências do ser professor: gerir a progressão das aprendizagens, a capacidade de envolvimento dos alunos nas tarefas/atividades e na aprendizagem, trabalhar em grupo, informar e envolver os pais, enfrentar os deveres e dilemas da profissão, usar novas tecnologias.

A tecnologia está cada vez mais presente no dia-a-dia da sociedade, e o ensino não é exceção. Com os avanços na tecnologia, com cada vez mais ferramentas ao dispor do ser humano e com a experimentação que foi o ensino à distância que se deu na pandemia,

tudo isto são fatores que têm vindo a contribuir para um maior uso da tecnologia pelo professor na sala de aula.

Tendo em conta o impacto que a tecnologia tem na sociedade e a maior utilização que tem nas salas de aulas, é também importante que o professor seja capaz de introduzi-la corretamente e sem excesso, sem que ela se sobreponha a outros recursos, como por exemplo o manual, nesse sentido é importante que exista formação dos professores. Guimarães (2014, citado por Fernandes, 2021) refere que é necessário de ter a capacidade de formar novos professores, começar a especializar de forma a não correr o risco de não conseguir acompanhar as novas tendências.

De acordo com Fernandes (2021), a possibilidade de aceder a novas tecnologias de informação, o ensino *online*, os avanços tecnológicos acabaram por alterar tanto a forma como os métodos de ensino de conteúdos a serem tratados na sala de aula.

De acordo com Souza (2020), é importante salientar o debate acerca da importância da formação do professor, quer seja na formação inicial até à contínua com o decorrer da carreira, de forma a ser possível responder aos desafios da sociedade, no que diz respeito ao ensino. A mesma autora refere que a formação contínua deve ser proporcionada pelos próprios sistemas de ensino e construída no quotidiano das escolas, em especial pelas instituições de ensino superior, pois são estas que garantem aos professores, competências e conhecimentos necessários para exercer a profissão.

Segundo Hagemeyer (2004), aspetos mencionados anteriormente, como a importância da planificação para o professor, a relação do professor com os pais dos seus alunos, a elaboração de tarefas e atividades adequadas para a sua turma, definem a forma como o professor domina o ato de ensinar e de formar.

De acordo com Nóvoa (2009), existem cinco pontos importante daquilo que é um “bom professor”, sendo eles; o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipa e o compromisso social.

1.2.2. OS DESAFIOS DA PROFISSÃO

Como é perceptível o professor tem um papel de grande relevância na sociedade por ser um agente de transmissão de conhecimento, e por todos os aspetos mencionados anteriormente. No entanto, e analisando detalhadamente o que é ser professor um aspeto que advém da profissão são os desafios que um professor tem de enfrentar.

Hagemeyer (2004), aponta três pontos como problemáticos, sendo o primeiro a falta de apoio que os professores recebem, o segundo a relação professor-aluno, e por último o que autora denomina de “mal-estar docente”. Em relação ao segundo ponto a autora considera um desafio devido de a internet possibilitar acesso a qualquer forma de comunicação e pode causar uma mudança direta na personalidade dos alunos, e pode levar a que os alunos possam ficar mais problemáticos na sala de aula, o que pode deteriorar a relação entre o professor e a sua turma, no sentido em que poderão ocorrer mais conflitos na sala de aula. A autora refere ainda que existe uma pluralidade de valores e maneiras e este cenário faz com que o professor tenha de rever a sua prática.

Em relação ao terceiro desafio mencionado, a autora refere que o termo “mal-estar docente” se refere a um conjunto de reações do professor, em relação a uma mudança social desigual, no sentido profissional. Outros condicionantes que também causam um impacto negativo no professor são as condições pouco favoráveis para o exercício da profissão, como por exemplo: falta de tempo e inexistência de material adequado na sala de aula.

Ramos (2013, citado por Silva, 2016), expressa que o maior desafio na prática docente é de facto a falta de incentivo para que a mesma continue a existir. O autor refere ainda que na sua visão existe um cenário de desvalorização e são cada vez menos os jovens que querem seguir a profissão.

A estes desafios devem ainda ser somados outro tipo de desafios, que estão presentes no dia-a-dia, sendo alguns a indisciplina que pode existir na sala de aula, as dificuldades de aprendizagem, os problemas psicológicos e comportamentais. (Silva, 2016).

De acordo com Silva (2016), alguns professores apontam os maiores desafios da profissão, sendo que alguns vão de encontro ao que foi mencionado anteriormente. Alguns dos desafios apontados pelos mesmos são os seguintes: falta de atenção por parte dos alunos, falta de material adequado para realizar aulas mais diversificadas, recursos tecnológicos precários, ensinar várias crianças, sendo que existem situações em que elas estão em níveis de ensino diferentes, carga de trabalho excessiva.

Em suma, é possível conferir a diversidade de desafios com que o professor tem que se confrontar, sendo que por norma cabe ao próprio professor ter de encontrar formas de combater os desafios da profissão mencionados. Mas de forma a encontrar soluções para estes desafios ou pelo menos encontrar formas de suavizar estas situações não pode ser somente o docente a resolver, mas sim tem que ser uma responsabilidade das escolas e da sociedade.

2. OS CONTEXTOS EDUCATIVOS

A Prática Educativa Supervisionada decorreu entre outubro de 2022 e maio de 2023 e a instituição que me acolheu e ao meu par pedagógico e que contribuiu e me ajudou no processo de professor em formação durante todo o ano letivo foi um agrupamento de escolas no Porto. Tendo em conta a organização da PES, o estágio nos 1º e 2º ciclos ocorreu simultaneamente em ambos os semestres, alternando quinzenalmente entre ciclos. De referir também que a Prática de Ensino Supervisionada do 1º e 2º ciclos decorreu no mesmo agrupamento escolar, pois este agrupamento contempla o 1º, o 2º e 3º ciclos de ensino básico. No ano letivo em que decorreu o estágio, neste agrupamento encontravam-se alguns alunos que chegaram de outros países, como por exemplo o Brasil e que foram inseridos nas três turmas. Tal demonstrava que existia uma diversidade de culturas no agrupamento, o que vai de encontro ao artigo nº4 do Decreto-Lei nº55/2018 de 6 julho, que diz que deve existir a garantia de uma escola inclusiva, que promova a igualdade e a não discriminação, cuja diversidade, flexibilidade, inovação e personalização respondem à heterogeneidade dos alunos.

2.1. O Agrupamento

O Agrupamento na cidade do Porto e desde 2007/08 que pertence ao Território Educativo de Intervenção Prioritária 3 (TEIP 3). O agrupamento é constituído por quatro escolas sendo uma delas a escola sede, na qual tive a possibilidade de realizar a minha PES.

O Agrupamento tem cerca de 1500 alunos divididos entre o Pré-Escolar, o 1º ciclo, o 2º ciclo e o 3º ciclo. O pessoal docente e não docente é composto por Educadoras de Infância, Professores e Professores de Atividade de Enriquecimento Curricular (AEC), Assistentes Operacionais, Técnicos Administrativos e Técnicos Superiores, três Psicólogos, um Assistente Social, duas Educadoras Sociais e duas Animadores.

A componente não letiva do Pessoal Docente é dirigida, de acordo com o perfil de cada um, para apoio ao estudo / Grupo de Intervenção para o Sucesso (AEGIS), assessorias, apoios individuais, Direção de Turma, projeto de prevenção da indisciplina, atividades de

ocupação plena dos tempos dos alunos, Biblioteca, ação tutorial e projetos contemplados no Plano Anual de Atividades (PAA).

2.2. Contexto Educativo de 1º ciclo do Ensino Básico

Relativamente aos espaços que compõem a escola, o recreio era o espaço de diversão das crianças nos tempos livres, composto por um campo de futebol, cestos de basquetebol, espaços verdes, como por exemplo, árvores e relva. Quem acompanhava e vigiava as crianças nos tempos livres eram as auxiliares da escola. No interior da escola do outro lado do recreio, localiza-se o ginásio no qual por vezes se realizavam as aulas de Educação Física.

No piso rés do chão era possível encontrar um pequeno anfiteatro, onde se realizam peças de teatro. O teatro recebia pessoas ou entidades, como por exemplo, a proteção civil, tendo como objetivo apresentar aos alunos para que servem essas entidades e o papel das mesmas na sociedade. Ainda no mesmo piso era possível encontrar a cantina dos alunos, um espaço amplo onde estes realizavam as suas refeições, e onde passavam também os seus tempos livres.

No 1º piso da escola, começando pela entrada da escola por norma era possível encontrar expostos diferentes tipos de trabalhos realizados pelos alunos. Neste piso era possível encontrar a biblioteca, sendo ela um espaço bastante amplo, muito bem equipada, com muitos e variados tipos de livros, com computadores no qual os alunos podiam efetuar pesquisas e realizar trabalhos, muitas mesas que permitiam aos alunos um espaço silencioso e tranquilo para estudarem e também permitia aos professores terem momentos de apoio com os alunos mais necessitados. O 1º piso era ainda constituído pela sala dos professores, a direção da escola, a secretaria e as salas de aulas das turmas do 1º ciclo. O 2º piso da escola era sobretudo composto por salas de aulas, pois é nesse piso que os alunos de 2º e 3º ciclo têm as suas aulas.

De referir que a escola tem instalações modernas, quer sejam os espaços de tempo livres, quer sejam as salas de aulas, todas têm projetores e quadros modernos, corredores muito amplos.

Relativamente à minha Prática de Ensino Supervisionada no 1º ciclo, tive a possibilidade de a realizar numa turma de 4º ano, que fazia parte do Agrupamento de Escolas do Porto abordado anteriormente. A turma era constituída por 20 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idade entre os 9 e 10 anos de idade. Nesta turma não havia nenhum aluno com necessidades adicionais de suporte (NAS).

A turma de uma forma geral mostrava-se por norma bastante participativa, pois apresentavam sempre vontade de participar nas atividades, quer fossem de Matemática, Português ou Estudo do Meio. Apesar disso alguns mostravam menos entusiasmos, sobretudo na área curricular de Matemática, sendo a justificação “não gostar de Matemática” ou “não perceber nada de Matemática”.

Apesar de interessada, empenhada e participativa, os alunos desta turma distraíam-se com muita facilidade, que provocava muitas paragens nas aulas e uma alteração negativa no clima de sala de aula. A turma apresentava ser um pouco conflituosa, pois ocorriam muitos conflitos entre si, o que exigia da professora cooperante, uma grande capacidade de gestão de conflitos.

Os alunos também apreciavam muito aulas em que eram utilizadas estratégias diferentes daquilo que estavam acostumados, por exemplo quando eram realizados trabalhos ou tarefas usando tecnologia, como computadores e *tablets* ou em momentos em que se realizavam um *kahoot*, tudo isto eram instrumentos e recursos que despertavam ainda mais o interesse e a participação dos alunos desta turma.

Um aspeto positivo também presente nas aulas com a turma é que demonstravam a capacidade de trabalharem em grupos, apesar de existirem alguns momentos em que ocorreram distrações ou destabilizações. Para além de ser uma turma que gostava de realizar tarefas que envolvesse tecnologias, também gostavam quando as tarefas envolviam desenho ou pinturas ou recursos manuais.

Neste agrupamento as turmas de 1º ciclo tinham as suas próprias salas. Relativamente à sala desta turma, era um espaço amplo com várias janelas, o quadro e o projetor. Na entrada da sala era possível encontrar um cartaz com aniversário de cada aluno e um

armário com várias cartolinas colocadas no armário com as regras de funcionamento da sala de aula e no fundo da sala de aula estavam atividades realizadas pelos alunos, quer fosse de alguma área curricular, ou uma atividade da escola, ou relacionada com alguma data, como por exemplo o Dia do Pai.

A disposição das mesas na sala de aula foi sofrendo alterações ao longo do ano letivo, sendo que por vezes as mesas eram encontravam todas separadas, e os alunos sentavam-se 2 a 2, outras vezes juntavam-se as mesas cerca de 5 mesas por fila e os alunos sentavam-se em grupos e por fim uniam-se as mesas de forma a formar um U e os alunos distribuíam-se pelas mesas.

A professora cooperante apresentava ter uma boa relação com os encarregados de educação dos alunos, pois sempre que havia algum problema ou algum aluno apresentava um mau comportamento entrava em contacto com os pais, quer fosse pela caderneta, por chamada ou *e-mail*.

Analisando o Plano Curricular do ano letivo 2022/23 e tendo em conta a articulação com a entidade promotora das AEC, esta turma tinha por semana 1 hora e 30 minutos de Atividades Física Desportivas, 1 hora de Oficina de Música, 1 hora de Oficina de Ciências, 1 hora de Oficina de Teatro e 1 hora de Oficina de Artes.

2.3. Contexto Educativo do 2º ciclo do Ensino Básico

Tal como referido anteriormente, tive a possibilidade de realizar a minha Prática de Ensino Supervisionada do 1º e 2º ciclos no mesmo Agrupamento de Escolas. No 2º ciclo estive na escola sede do Agrupamento. Relativamente ao 2º ciclo realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada de Português numa turma de 5º ano e de História e Geografia de Portugal numa turma de 6º ano.

A turma de Português do 5º ano era composta por 19 alunos, sendo 10 alunos do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, apesar de algumas alterações de alunos ao longo do ano. De referir que três alunos que constituíram a turma apresentavam NAS, e

que por vezes para além da professora cooperante estava também presente uma professora de forma a dar apoio, sobretudo a estes três alunos.

A turma apresentava alguma discrepância, no sentido que alguns alunos demonstravam muitas capacidade e conhecimentos, enquanto outros alunos sentiam mais dificuldades de aprendizagem, apesar disso todos eles mostravam muito interesse nos temas trabalhados nas aulas e participavam ativamente. Por norma, alguns alunos distraíam-se com facilidade, o que quebrava o bom funcionamento da aula, que por sua vez conduzia a uma intervenção da professora cooperante de forma a terminar com as distrações e prosseguir com a aula. Tal como a turma do 4º ano, estes alunos demonstravam um grande entusiasmo quando introduzíamos recursos diferentes ou criação de um tipo de texto no qual retratassem experiências pessoais. Para além disso gostavam muito quando realizavam trabalho cooperativo, ainda que alguns alunos perturbassem o bom funcionamento do trabalho de grupo.

Por norma os alunos realizavam atividades/tarefas, que eram corrigidas posteriormente com a professora cooperante em grande grupo.

A sala de aula no qual aconteciam as aulas da área curricular de Português era um espaço amplo, com muita visibilidade, bem equipada em termos de equipamento tecnológico e no fundo da sala era possível visualizar trabalhos realizados pelos alunos. No que diz respeito às mesas na sala de aula, os alunos sentavam-se em pares ou individualmente, e foi sempre assim durante todo o ano letivo, acontecendo esporadicamente alterações entre pares, devido a maus comportamentos ou por indicação do diretor de turma.

Como referido anteriormente, todas as turmas de 2º ciclo tinham as suas aulas no 2º piso da escola, dessa e forma e tal como a turma de 5º ano também esta turma tinha todas as suas aulas nesse piso da escola. A turma era composta por 17 alunos, oito do sexo masculino e nove do sexo feminino, sendo que um aluno tinha NAS, mais precisamente com autismo, e dessa forma o mesmo quase nunca estava na sala de aula, era acompanhado por uma auxiliar até a uma sala onde tinha professoras que o apoiavam unicamente a ele. Esta turma também recebeu a adição de uma nova aluna na reta final do ano letivo, no entanto com o apoio dos colegas conseguiu adaptar-se aos poucos.

Fazendo uma caracterização da turma tendo em conta todo o ano letivo era uma turma participativa, por vezes alguns alunos faziam questões que nada tinham a ver com o tema da aula, o que perturbava o normal desenvolvimento da aula, sendo chamados à atenção pela professora cooperante. Para além disto, a turma era um pouco faladora e os alunos demonstravam distrair-se com grande facilidade, fazendo com que estes fatores causassem perturbações no bom funcionamento da mesma.

Apesar de alguns alunos terem mais dificuldades de aprendizagem, ajudavam-se entre si e mostravam ser uma turma unida, o que é um aspeto positivo. O trabalho realizado com a professora cooperante em sala de aula por norma eram tarefas realizadas em grande grupo e a professora colocava no quadro as respostas para os alunos transcreverem para os seus cadernos diários. De forma idêntica às turmas de 4º e 5º anos, esta turma também ficava deveras entusiasmada quando era realizado trabalho cooperativo, ou tarefas que envolvessem tecnologia. Focando no trabalho cooperativos, esta turma tinha a capacidade de trabalhar em grupo, existindo por vezes momentos de desestabilização que eram facilmente contornados.

Passando agora à descrição da sala de aula no qual decorriam as aulas de História e Geografia de Portugal, era uma sala ampla, com muita luz natural, bem equipada com aparelhos tecnológicos, se bem que em alguns momentos o projetor da sala não funcionava corretamente, o que dificultava a visão dos alunos quando a professora cooperante projetava um texto ou um vídeo sobre um determinado tema. No fundo da sala estavam expostas algumas cartolinas. De forma idêntica à turma de 5º ano, os alunos desta turma despunham-se em pares nas mesas e não ocorreu nenhuma alteração, apenas quando receberam a nova colega que se sentou com uma aluna que estava sozinha numa das mesas.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EDUCATIVA

As primeiras quatro semanas da PES foram de observação no 1º e 2º CEB simultaneamente, ou seja, tinham como objetivo observar as dinâmicas das turmas, a sua interação com as professoras cooperantes e tudo o que se desenrolava nas aulas, sendo que nas penúltima e última semanas de observação o professor em formação tinha a possibilidade de cooperar nas aulas. Após as quatro semanas de observação/cooperação, os pares pedagógicos alternavam de 15 em 15 dias entre ciclos, e realizavam as suas regências.

Um aspeto muito importante em ter em conta enquanto professor e até mesmo enquanto professor em formação como foi o caso, é a articulação que existe entre áreas curriculares e entre anos e ciclos de escolaridade. A articulação vertical refere-se à relação dos conhecimentos dos alunos em anos anteriores, ou seja, a articulação que existe entre ciclos. Por sua vez a articulação horizontal remete para a articulação entre diferentes temas e conteúdos num mesmo ano de escolaridade. Isto é importante de forma que os alunos nunca esqueçam as aprendizagens realizadas em anos anteriores, pois ao longo da sua formação seriam ser importantes na construção de novas aprendizagens.

De salientar a forma como foi construído o portefólio de estágio, sendo que a divisão é a seguinte: para cada ciclo, primeiramente as planificações, os anexos e os recursos de cada intervenção por ordem cronológica das intervenções, sendo que as planificações das intervenções supervisionadas vêm apoiadas pela fundamentação pedagógica-didática e pela narração reflexiva.

As regências começaram nas primeiras semanas de novembro, inicialmente realizadas em conjunto pelos pares pedagógicos, sendo que numa fase mais avançada foram realizadas individualmente.

O portefólio de estágio tem com intuito apresentar todo o trabalho realizado durante o período de estágio, onde estão presentes todas as intervenções, tanto como a planificação criada para cada intervenção, bem como os recursos utilizados e evidências capturadas durante cada intervenção. O portefólio está dividido da seguinte forma: primeiramente

uma breve caracterização de cada turma. Em seguida são apresentadas as planificações de cada intervenção do 1º CEB, seguidas dos recursos utilizados e das evidências por ordem cronológica. Este processo repete-se no 2ª CEB, no qual surge em primeiro a área curricular de Português onde se realizaram as intervenções na turma do 5º ano de escolaridade e em segundo a área curricular de História e Geografia de Portugal, no qual as intervenções se realizaram na turma de 6º ano de escolaridade. Importante referir que nas intervenções supervisionadas estão presentes as narrativas reflexivas e as fundamentações pedagógicas-didáticas.

Link do Portefólio de Estágio: <https://docs.google.com/document/d/1epsb liUs-sGzyrYIq-V4Z66zXNjya16aaRAV-vImY/edit#heading=h.gjdgxsn>

Nas semanas de observação foi possível compreender o tipo de ações realizadas pelas professoras cooperantes, desde como se deve formular uma atividade/tarefa que seja adequada para o ano de escolaridade em que se está a lecionar, como abordar um aluno que tenha algum tipo de dúvidas ou como abordar um aluno que perturbe o bom funcionamento da aula. Todos estes aspetos ajudaram a perceber como lidar, gerir e resolver conflitos que ocorrem na sala de aula, ou até mesmo por vezes fora da sala de aula. Ao longo do ano foi perceptível ver algumas destas situações desenrolarem-se tanto em momentos de observação como em momentos de regência, sendo que quando aconteceram em momentos de regência foi um pouco complicado saber como resolver essas situações, sobretudo nas primeiras regências.

Apresentam-se de seguida exemplos de momentos vividos na PES em cada nível de escolaridade e com cada turma/disciplina, refletindo sobre os mesmos.

3.1. 1º CEB

O professor do 1ºCEB, tem que planificar e lecionar para todas as áreas curricular, com especial incidência em Estudo do Meio, Português e Matemática. Mas para além disso tem que preparar estratégias e atividades que possibilitem a articulação entre as mesmas, por isso tem que existir uma preparação por parte do professor muito detalhada.

Para além de ter uma grande importância a existência de uma articulação anteriormente referida, o professor de 1º CEB não pode deixar de trabalhar e focar cada área curricular. Relativamente ao Português o professor tem que trabalhar todos os domínios presentes nas Aprendizagens Essenciais (AE) de Português, sendo eles a Leitura, a Escrita, a Oralidade, a Gramática e a Educação Literária. Analisando os domínios, relativamente à oralidade o professor tem de promover estratégias como por exemplo, a preparação de discursos para apresentação de textos a um público, quer seja aos colegas de turma, quer a outras turmas. O professor tem também de promover estratégias no que diz respeito ao domínio da leitura com o intuito de realizar diferente tipo de leituras (que os alunos leiam textos em voz alta, silenciosamente, em grande grupo, ler muito alto, ler depressa, entre outros...) e também diferente tipo de textos. Relativamente ao domínio da escrita o é importante que ocorra a promoção de estratégias dando ênfase ao desenvolvimento e consolidação no conhecimento das regras de escrita, ou seja, respeitar os sinais de pontuação e de escrita. Consultando o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), o ponto 5 das Áreas e Competências, demonstram a importância de todos os domínios, como é possível ver no ponto que diz as Linguagens e Textos implicando que os alunos sejam capazes de “dominar capacidades nucleares de compreensão e de expressão nas modalidades oral, escrita, visual e multimodal.”.

As AE de Matemática são apresentadas de uma forma um pouco diferente do que as de Português pois ao invés de domínios, encontram-se dividido em Temas, Tópicos e Subtópicos. Os Temas presentes nas AE são os seguintes: Capacidades Matemáticas, Números, Álgebra, Dados e Geometria e Medidas. Segundo as AE o professor tem que formular estratégias que promovam: etapas que os alunos têm que percorrer na resolução de problemas (interpretar, selecionar e avaliar uma estratégia, e avaliar o resultado.), que proponham a utilização de diferentes recursos que proporcionem a relação entre diversas representações.

Em relação às AE de Estudo do Meio, as mesmas estão divididas em domínios, tal como acontece com as AE de Português. No caso da área curricular de Estudo do Meio, estão divididas em quatro domínios, o da Natureza, o da Sociedade, o da Tecnologia e o da Sociedade/Natureza/Tecnologia. Segundo as mesmas é necessário promover estratégias

que desenvolvam no aluno a capacidade de partilhar informação sobre um determinado tema sobre a natureza, sociedade ou tecnologia, de expor diferentes pontos de vista, de pesquisar e partilhar informação entre a turma.

Fazendo uma reflexão aprofundada sobre o estágio, analisando mais concretamente a experiência no 1º ciclo de escolaridade, neste ciclo de escolaridade existiu um maior contacto com a turma comparativamente às duas turmas do 2ºCEB devido ao novo formato do estágio. Como foi descrito houve uma fase inicial de observação sendo que aos poucos foi possível cooperar mais concretamente nas duas últimas semanas de observação, sendo que isso permitiu compreender o tipo de atividades que eram por norma realizadas e quais as atividades que os alunos gostavam mais de realizar e que captavam mais a interesse desta turma.

Para além disso a fase de observação permitiu compreender quais as áreas curriculares que mais gostavam e as que as gostavam menos. Para alguns alunos desta turma, a área curricular de Matemática era a que menos gostavam, dessa forma as regências desta área curricular eram trabalhadas por vezes através de recursos um pouco diferentes dos “tradicionais”, como a utilização da tecnologia de forma didática, mas não só. Um exemplo da tentativa da utilização de estratégias não convencionais ocorreu numa regência em par pedagógico, em que estava a ser trabalhada a numeração romana. Para um exercício estava colada no quadro uma cartolina com números e os alunos através de pauzinhos na cartolina representavam-nos em numeração romana, tendo esta atividade espoletado o interesse dos alunos para se envolverem nesta área curricular. Foi possível analisar que os alunos estavam motivados em participar, pois todos queriam ir ao quadro resolver o número seguinte, e quem estava no lugar procurava no manual, para ver a numeração romana, para acertar quando chegasse a vez de ir responder no quadro.

Nos dias de regência em que se articulava a área curricular de Português com a de Matemática ou de Estudo do Meio uma estratégia que tinha um efeito muito positivo na turma e que despertava o interesse da mesma era começar a aula com a apresentação de um conto ou um poema e a partir daí trabalhar as componentes de Português e das outras áreas curriculares. A introdução de um conto tornava a aula mais participativa, sendo esta já uma turma participativa. Por norma o professor em formação lia o conto, sendo que por

vezes em contos mais pequenos eram os alunos que realizavam a leitura. Nas aulas em que era o professor em formação a ler o conto ocorriam paragens em momentos chave, e os alunos resumiam aquilo que retinham de cada parte e colocavam questões, sendo que no final da leitura do conto, os alunos indicavam as ideias-chaves do conto na íntegra, e nesses momentos era possível verificar quais os alunos que estiveram mais focados. Normalmente toda a turma escutava com atenção o momento de leitura, pois conseguiam sempre chegar aos pontos essenciais desses contos. A apresentação de imagens relacionadas com o conto era uma forma de cativar ainda mais a turma, isto claro num momento de pré-leitura. Com a apresentação de imagens ou da capa do livro, era possível reter sugestões dos alunos sobre possíveis temáticas que o conto poderia abordar ou qual o enredo do conto. Assim no momento pós-leitura comparavam-se os palpites dos alunos com a história presente no conto. Por exemplo, em uma das intervenções supervisionadas, o conto foi articulado com uma outra área curricular, mais concretamente a Matemática. Inicialmente foi apresentado o “Gigante Egoísta” e o conto foi lido pelos professores em formação, com pausas em momentos propícios para ser discutido em grande grupo. No conto, a determinada altura o Gigante cria um muro de forma a impedir as crianças de brincarem no seu jardim, e foi a partir do muro que foi possível realizar a articulação com a Matemática, pois através dos computadores, os alunos dividiram-se em grupos e através da aplicação “Toy Theater” construíram os seus muros com cubos e a partir daí foram trabalhados temas matemáticos como as sequências.

Uma forma de motivar os alunos desta turma era o trabalho colaborativo, apesar de por vezes o trabalho em grupo causar alguma agitação na aula, o trabalho em grupo tornava os alunos mais produtivos e abria a possibilidade de haver uma maior interação e uma maior entreaajuda.

Silva (2017), refere que no trabalho colaborativo as decisões e a responsabilidade são de todos. Roldão (2007, citada por Silva, 2017) diz que “o trabalho colaborativo estrutura-se essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saber específicos e de vários processos cognitivos.”.). Menciona ainda que o trabalho colaborativo permite alcançar com mais sucesso os

objetivos pretendidos, ativar as potencialidades de todos os participantes, de forma a envolvê-los e garantir que a atividade produtiva não se limita a alguns e ampliar a construção de conhecimento de cada um pela introdução de elementos resultantes da interação com os outros.

Numa regência da área curricular de Estudo do Meio em que estavam a ser trabalhados os principais rios portugueses desenrolou-se uma atividade em que o foco estava precisamente no trabalho colaborativo, pois a turma inicialmente dividiu-se em grupos de trabalho e posteriormente foi apresentado a cada grupo um texto sobre um determinado rio português e cada grupo teve retirar do seu texto os pontos mais relevantes para apresentar aos colegas. O ponto fulcral desta atividade foi a troca de ideias que existiu em cada grupo e chegarem em consenso aos pontos que acharam mais relevantes para apresentarem à turma.

Por fim, uma outra forma de cativar a atenção e o interesse dos alunos para um determinado tema, era introduzi-lo através de um vídeo.

O vídeo tem o poder de cativar e manter a atenção, dessa forma a utilização do vídeo como instrumento e material didático pode ser muito enriquecedor no sentido de criar/complementar o conhecimento dos alunos. O vídeo atrai a atenção dos alunos devido ao uso de uma linguagem diferente, pode ser usado de uma forma estratégica, quer seja antes, durante ou após uma determinada atividade, pode proporcionar experiências que os alunos não vivenciaram na sala da aula, como por exemplo, simulações ou conhecimento de novas realidades; para além de tudo isto permite a associação a outros recursos, como um texto ou um áudio. (Paradella et al. 2020).

Os mesmos autores referem ainda mais algumas vantagens da utilização do vídeo na sala de aula, destacando que os vídeos usados pelo professor em sala de aula proporcionam aos alunos desenvolver a imaginação e a entender melhor os conteúdos, despertando a curiosidade dos alunos e isso faz com que os mesmos fiquem mais motivados em novos temas.

Um exemplo disso foi na aula mencionada anteriormente no qual estavam a ser trabalhados os rios portugueses, em que foram apresentados pequenos vídeos sobre os rios mais importantes e em grande grupo eram retiradas as ideias-chaves e os alunos facilmente conseguiram identificar essas informações; depois, foram colocadas no quadro as ideias principais presentes nos vídeos que a turma visualizou de forma a criar um resumo que os alunos transcreveram posteriormente para os seus cadernos diários, o que demonstrou o interesse da turma.

Focando nas dificuldades da prática enquanto professor em formação, a dificuldade inicial no 1º CEB foi a elaboração das planificações, sendo que nas primeiras intervenções as planificações claramente não estavam adequadas, eram pouco abrangentes e com a ausência de elementos importantes numa boa planificação, pois não estavam muito bem estruturadas, muitos pontos presentes nas planificações não eram detalhados, não existia um fio condutor ao longo das planificações, sendo que o percurso de aula não era claro. Esse aspeto foi maturado ao longo de todo o percurso e o decorrer das regências possibilitou encontrar melhorias. De forma a demonstrar a melhoria na elaboração das planificações, basta refletir e comparar a planificação e o processo da mesma da primeira intervenção supervisionada comparativamente com a segunda. Enquanto que a primeira sofreu muitas alterações desde a primeira leitura por parte das professoras supervisoras até à planificação final, e mesmo assim ainda tinha falhas o que foi perceptível na intervenção em si, pois ocorreram algumas falhas ao longo da mesma, na planificação da segunda intervenção, apesar de ter sofrido alterações, foram muito menos as alterações que foram necessárias fazer e a planificação final ficou muito melhor comparada com a da primeira intervenção, pois os objetivos eram mais concretos e eram mais detalhados, todo o plano de aula estava bem explicado e era possível verificar um fio condutor ao longo de toda a aula, e a intervenção correu muito melhor e recebeu elogios, o que demonstrou de facto uma melhoria não só, mas também no ato de planificar.

No final do estágio tornou-se perceptível a evolução graças ao apoio dos professores cooperantes, mas sobretudo dos professores supervisores. Outra dificuldade sentida enquanto professor em formação no 1ºCEB, foi a capacidade de gerir o clima de sala de aula e os conflitos, sobretudo nas primeiras intervenções, pois sendo este o primeiro

estágio, a sensação inicial foi de incapacidade em gerir o clima de sala de aula, e por vezes ocorria uma reflexão interior de qual a forma adequada de abordar os alunos dependendo das situações e não saber qual a forma correta de apaziguar os conflitos.

Ballenato (2008, citado por Jesus, 2012) menciona três pontos como essenciais para a resolução de conflitos sendo eles: primeiramente a utilização do diálogo, aproveitando a comunicação como instrumento de forma a pedir opiniões, na troca de informação, partilhar sentimentos, reunir esforços e encontrar alternativas, em seguida desenvolver a empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro, assim conseguindo compreender o seu ponto de vista e também o motivo de pensar e agir de certa forma. Torna mais fácil avançar no processo de resolução de conflitos se compreendemos o modo de pensar da outra pessoa, e por fim mostrar assertividade, assumindo uma atitude e um comportamento que permita respeitar o outro sem violar os seus direitos.

No entanto ao longo de todo o percurso um aspeto muito importante foi compreender quais as estratégias mais adequadas para gerir e resolver os conflitos da turma analisando momentos em que decorria a resolução de conflitos por parte da professora cooperante e também um melhor conhecimento da caracterização de cada aluno, a combinação destes dois fatores aumentou a capacidade de gerir o clima de sala de aula e conflitos que eventualmente pudessem ocorrer enquanto professor em formação.

3.2. 2º CEB- Português

O professor do 2º CEB na área curricular de Português deve trabalhar detalhadamente todos os domínios e de forma articulada a Oralidade, a Escrita, a Leitura, a Gramática e a Educação Literária. Analisando as AE de 5ºano de Português é importante promover estratégias que desenvolvam nos alunos a capacidade de produzir textos e discursos, leitura colaborativa ou autónoma de textos, dramatizações, representações, de escrita adequada e lúdica, escrita colaborativa.

Focando agora no estágio no 2º ciclo de escolaridade, mais especificamente na área curricular de Português, a turma era de 5º ano e era heterogénea, ou seja alguns alunos tinham muitas capacidades, enquanto que outros apresentavam maiores dificuldades de

aprendizagem e necessitavam de maior apoio por parte da professora cooperante, mas também da parte dos professores em formação quando presentes na sala de aula.

Uma semelhança com a turma de 1ºCEB era o facto de se tornarem mais produtivos através do trabalho colaborativo pois elevava a capacidade de trabalho dos alunos, por vezes fazia com que trabalhassem com colegas que por norma não costumavam trabalhar e permitia que os alunos com grandes capacidades pudessem ajudar os alunos com maiores dificuldades.

Segundo a teoria de Vygotsky (1978), o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é a ideia de existência de uma área potencial de desenvolvimento cognitivo definida com a distância que medeia entre o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade atual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas com a orientação de adultos ou em trabalho com colegas mais capazes. (Fino, 2001).

Um exemplo desta observação aconteceu numa aula em que o foco estava na amizade, tendo sido inicialmente apresentada uma música e ao longo de toda a aula foram realizadas atividades em torno desse tema, sendo que a atividade final foi realizada em grupos e consistia em cada grupo ter de partilhar uma experiência no qual demonstravam a sua amizade por alguém ou vice-versa. Todo este trabalho exigiu muito comunicação, partilha e debate entre os elementos de cada grupo tanto na escolha da história que ia ser relatada como na preparação da escrita e da forma como cada grupo iria expor o seu texto à restante turma. Este trabalho fez com os grupos tivessem de expor as suas experiências sobre o tema e fez com que cada aluno melhorasse não só a expor os seus pontos de vista, mas também em saber escutar o próximo, algo que por vezes não é fácil. Para além disso também tiveram a oportunidade de partilhar as suas experiências com um público, neste caso os colegas e os professores.

A introdução da tecnologia, sobretudo em atividades de consolidação despertava uma maior capacidade de participação, e a tecnologia nesta turma era introduzida maioritariamente através de jogos didáticos, como por exemplo o *kahoot*. Um exemplo mais específico da utilização de tecnologia foi numa intervenção supervisionada, em que

inicialmente foi apresentado e lido o poema “Computador” de Luísa Ducla Soares. Após o momento de leitura um dos exercícios foi um jogo de palavras-cruzadas num *wordwall* em que a turma tinha de encontrar sete palavras-chave do poema. Para além da tecnologia eram utilizadas outras estratégias com a intenção de despertar o interesse dos alunos, como por exemplo músicas como aconteceu na regência referida anteriormente, a criação de textos por parte dos alunos com o apoio dos professores e por vezes eram expostos na sala de aula.

Na área curricular de Português no 2ºCEB as maiores dificuldades sentidas foram na preparação e construção adequada das planificações, pelas mesmas razões referidas para o 1ºCEB, ou seja, a inexistência de um fio condutor nas planificações, falta de detalhe na construção de atividades e incapacidade de especificar as estratégias. Mas com o decorrer da PES e tal como no 1ºCEB foi perceptível uma grande melhoria nesse aspeto, e foi possível devido à experiência. Outra dificuldade foi a escolha de recursos apropriados para a sala de aula, tendo mesmo nas primeiras intervenções não apresentado os melhores recursos. Relativamente a esta última dificuldade, com o decorrer das intervenções foi-se compreendendo melhor qual os recursos que seriam mais apropriados para a turma e área curricular e as sugestões e recomendações da professora cooperante foram uma ajuda constante e foram uma mais-valia e todos estes fatores contribuíram para evolução relativamente à escolha de recursos e a adequação de cada um tendo em conta a turma e o tema de cada regência.

3.3. 2ºCEB- História e Geografia de Portugal

Em relação à área curricular de História e Geografia de Portugal, esta remete a aprendizagens do 1º ciclo na área curricular de Estudo Meio, ampliando-as no tempo e no espaço.

Em relação às AE de 2º CEB de História e Geografia de Portugal, mais especificamente do 6º ano, que é o ano de escolaridade da turma, as mesmas estão divididas em três domínios, sendo eles: Portugal do Século XVIII ao Século XIX, Portugal do Século XX e Portugal Hoje. Analisando-as é importante promover estratégias que promovam o trabalho colaborativo desta área curricular, a capacidade de ter um pensamento crítico e colocar questões

pertinentes, a formulação de hipóteses sustentadas por evidências, tendo em conta determinados acontecimentos históricos, usar diversos suportes para expressar aprendizagens quer seja através de imagens, documentos, mapas ou gráficos, como se pode constatar da análise das Áreas de Competência do PASEO, em específico a Informação e Comunicação: “utilizar e dominar instrumentos diversificados para pesquisar, descrever, avaliar, validar e mobilizar informação, de forma crítica autónoma, verificando diferentes fontes documentais e a sua credibilidade.”.

Relativamente à turma de 6º ano na qual se realizaram as regências da área curricular de História e Geografia de Portugal uma forma de trabalho que melhorava o trabalho, tal como nas duas turmas mencionadas anteriormente, era o trabalho colaborativo. No entanto apesar de as aulas se tornarem um pouco mais produtivas, a realidade é que a produtividade nesta turma por vezes não era tão grande porque os alunos eram mais faladores e distraíam-se com maior facilidade, o que causava perturbações no bom funcionamento aula.

Algo que deve estar presente numa aula de História e Geografia de Portugal são documentos, quer seja fonte historiográfica, ou fontes primárias, em diversos suportes: Iconográfico, escritos, etc. Mas tornou-se perceptível com o decorrer das regências a importância de os selecionar devidamente para evoluir enquanto professor em formação nesta área curricular, o que nem sempre sucedeu, especialmente nas primeiras semanas. Um exemplo disso mesmo aconteceu numa fase inicial do estágio no qual foi apresentado aos alunos um vídeo que não se adequava à faixa etária e isso provocou desinteresse e pouca participação e fez com que a turma não compreendesse realmente os conteúdos que estavam a ser trabalhados.

De forma similar à turma de 5º ano, também os jogos didáticos funcionavam muito bem com esta turma, pois aumentava a participação e o envolvimento dos alunos na aula, pois o jogo didático cativava a atenção dos mesmos e isso levava também a que despertasse o interesse na matéria que estava a ser trabalhada. Um exemplo deste caso, aconteceu numa intervenção em que o foco central da aula estava na ação do Marquês de Pombal. A turma apesar de estar atenta e interessada no que estava a ser tratado e o que estava a ser abordado ao longo da aula ficou muito mais entusiasmada e mais participativa quando foi

realizado um *kahoot* sobre o Marquês de Pombal, pois todos os alunos pediam a vez para responder às questões do *kahoot*, algo que não estava a acontecer anteriormente à realização desse jogo didático. Como forma de contextualização é importante referir que esta turma apesar de participativa, era um pouco menos que as duas turmas que fizeram parte do estágio e foram referidas anteriormente, mas nos momentos de consolidação e sobretudo com jogos didáticos a participação dos alunos aumentava.

Nas intervenções desta área curricular a primeira dificuldade sentida foi a dificuldade na elaboração das planificações, tendo esta dificuldade sido apontada anteriormente, tal como o porquê de isso acontecer e os fatores que fizeram evoluir nesse sentido enquanto professor em formação. Outro ponto bastante desafiador foi a seleção de recursos para utilizar nas intervenções, principalmente na adequação dos recursos, quer em relação ao tema, quer em relação à própria turma. Um exemplo disso ocorreu na primeira intervenção supervisionada, pois alguns dos recursos não eram os mais indicados para a faixa etária dos alunos desta turma, tendo sido um dos recursos o vídeo mencionado previamente e foi uma grande falha que impactou negativamente a aula. Mas com o decorrer do estágio, com o maior conhecimento da turma e com o apoio e ajuda da professora supervisora desta área curricular foi possível apresentar uma considerável evolução no que diz respeito à seleção de recursos adequados para a turma. Ainda no que diz respeito a dificuldades, por vezes existia alguma dificuldade em como reagir quando os alunos faziam questões que nada tinham a ver com a matéria de determinada aula ou com piadas que por vezes eram feitas pelos alunos, e foi através da observação das aulas da professora cooperante que se foi percebendo qual era a melhor forma de interagir com a turma e combinando esse aspeto com uma maior experiência e uma melhoria na capacidade de reação a esse tipo de situações.

3.4. Reflexão Global

Após tudo o que foi relatado ao longo do estágio, em cada ciclo de escolaridade e em cada ano de escolaridade, foi perceptível constatar que o professor tem que ter diferentes estratégias, utilizar diferentes recursos e ferramentas, ter um plano de ação na forma como leciona tendo em conta a turma com a qual está a interagir tendo em conta diferente

variantes, quer seja o ciclo e ano de escolaridade, como se caracteriza a turma quer seja de uma forma geral como de uma forma individual e como decorre o processo de aprendizagem da turma, ou seja, as facilidades e dificuldades da turma.

Em uma das turmas ocorriam vários conflitos, na realidade os conflitos eram quase diários tanto fora como dentro da sala de aula, o que exigia que a professora cooperante interviesse mesmo nos que aconteciam fora da sala de aula, pois eram comunicados tanto por alunos da turma, como por auxiliares que os presenciavam. Isto levava a que muitas vezes a professora tivesse de interromper as suas aulas de forma a compreender o que levou a esses conflitos e posteriormente como resolvê-lo. Um exemplo dessas situações nessa turma foi o caso de dois alunos que fizeram alguns comentários desagradáveis a um colega, e nesse dia era o dia de escolher o delegado e o subdelegado de turma e a professora proibiu esses dois alunos de receber votos, ou seja, dessa forma não poderiam ser escolhidos para nenhum dos “cargos”. Esta foi uma situação que aconteceu nas semanas de observação, e foi um momento que mostrou como um professor deve resolver os conflitos que acontecem e também como controlar atritos entre alunos e sobretudo preservar um clima adequado na sala de aula.

Outro aspeto que chamou muito a atenção ao longo de todo o estágio foi a forma como os alunos participavam na aula, pois por norma todas as turmas eram bastante participativas, como referido anteriormente, mas é importante salientar que nem sempre participavam de forma correta, por vezes destabilizando o normal funcionamento da aula. Dessa forma, o período de observação foi muito importante no sentido de compreender que os alunos se tornam mais participativos ou participam de maneira adequada, quando lhe são apresentados recursos ou atividades que gostam ou que lhe chamam mais atenção. Por vezes com a exploração das atividades e recursos “tradicionais” os alunos demonstravam estar pouco focados e/ou atentos, o que conduzia a que não participassem ou não participassem devidamente.

Um exemplo disso sucedeu na última aula supervisionada de 1º CEB dada enquanto par pedagógico e o foco dessa aula estava na interligação entre as áreas curriculares de Português e Matemática. Para trabalhar os momentos desta última foi utilizado um recurso tecnológico, mais precisamente o “Toy Theater” de forma a trabalhar

sequências, no qual os alunos estavam organizados em grupos e cada grupo tinha um computador no qual estavam a usar a aplicação. Com a utilização deste recurso tecnológico, até os alunos que diziam “não gostar” ou “não perceber nada” de Matemática mostraram um grande interesse e participação, até alguns desses alunos mostravam vontade de ir ao quadro e explicar como chegaram a respostas de questões que lhes eram colocadas. Nessa intervenção o objetivo era construir muros no “Toy Theater” através de cubo relacionando assim com a história do livro que foi lido e explorado no começo da aula, “O Gigante Egoísta”. O facto de os grupos construir os seus próprios muros através dos cubos permitiu compreender mais rapidamente o trabalho das sequências, através da troca de ideias e da exploração de diversas formas de construção dos seus muros.

Pelo contrário numa fase inicial do estágio, na turma de História e Geografia de Portugal, quando estava a ser lecionada uma regência foram apresentadas à turma muitas fontes históricas tradicionais e os alunos apresentavam pouca participação, por vezes não respondendo às questões e colocando perguntas que nada tinham a ver com o assunto a ser trabalhado em aula. Após a regência em causa tornou-se perceptível a importância que representa seleccionar recursos adequados tendo em conta a faixa etária da turma e as características dos alunos que compõem a turma e seleccionar recursos que construam um fio condutor durante toda a aula. É também essencial que o professor consiga variar a forma com explora as aulas, ou seja, procurar diversificar o tipo de recursos, como já foi mencionado, procurar diferentes recursos, quer seja uma música, um livro ou um jogo didático desde que sejam adequados e vantajosos para o ensino dos alunos

Refletindo de uma forma geral sobre os três ciclos, sem dúvida que a principal dificuldade e que foi comum aos dois ciclos de escolaridade, foi a elaboração das planificações numa fase mais inicial e a gestão de conflitos, sobretudo nas primeiras intervenções em concreto na turma de 1º CEB e 2º CEB de História e Geografia de Portugal. Mas estes aspetos foram afinados com o decorrer das intervenções. A nível pessoal algo que a Prática de Ensino Supervisionada despertou sobretudo no final da mesma foi a realização de que o interesse em lecionar no 1ºCEB é equivalente ao de lecionar o 2ºCEB, pois no começo o foco enquanto futuro estava direccionado para o 2ºCEB, especificamente na área curricular de

História e Geografia de Portugal. Mas o interesse em lecionar no de igual forma no 1º CEB deve-se a fatores que já foram referidos, como a interligação que existe entre as três áreas curriculares do 1ºCEB que por sua vez permitia criar ou procurar diversos recursos e atividades na sala de aulas para trabalhar com os alunos e a forma como tudo isso dinamizava as aulas.

Assim é possível concluir que as aprendizagens realizadas, combater as dificuldades que foram sentidas, o trabalho contínuo na elaboração das planificações, maior confiança e capacidade de gerir conflitos e perturbações levaram a uma melhoria enquanto professor em formação, mas não só pois são também as bases enquanto futuro professor.

4. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO: “O PATRIMÓNIO LOCAL”

No âmbito da PES foi criado e desenvolvido um projeto de investigação individual por cada professor em formação. Desta forma o tema escolhido foi o Património Local pelo facto de ser um tema direcionado para o 2º CEB, mais especificamente para a disciplina e área curricular de História e Geografia de Portugal, com a turma na qual se fazia a PES, descrita no capítulo II. Trata-se de um tema importante, pois permite a cada aluno conhecer melhor a história da sua terra, e o que pode representar um monumento ou um edifício; de acrescentar que a educação através do património local pode ter uma contribuição para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno.

Pesquisando e analisando as AE de História e Geografia de Portugal de 2º ciclo, mais concretamente do 6º ano de escolaridade, que era o ano de escolaridade da turma desta área curricular, é possível encontrar sobretudo dois pontos que estão ligados ao tema do projeto de investigação, no domínio “Portugal Hoje”: reconhecer algumas características ambientais, sociais, culturais e paisagísticas que conferem identidade a Portugal e à população portuguesa e comparar o espaço rural com o espaço urbano, em Portugal, enunciando diferenças ao nível das atividades económicas, ocupação dos tempos livres, tipos de construção e modos de vida.

Refletindo inicialmente sobre a escolha deste tema para o projeto de investigação surgiu uma questão de partida para a realização do mesmo, sendo esta a seguinte: “Qual o conhecimento que os alunos têm sobre o património local e a sua importância?”.

Os principais objetivos com a realização do projeto de investigação, tendo em conta o tema escolhido eram quatro: investigar sobre a história e o património histórico-cultural da cidade onde se realizou a PES: desenvolver competências operativas de recolha, tratamento e análise de informação a partir do estudo do Património Local; identificar os conhecimentos sobre a história e o património local que os alunos da turma de 6º ano de escolaridade da área curricular de História e Geografia possuíam e promover o conhecimento e a valorização, por parte dos alunos, do património histórico e cultural da cidade onde estudam. Refletindo mais propriamente sobre a importância deste tema, Solé

(2017) refere que “investigadores e estudiosos defendem que há mecanismos que contribuem para preservar a memória coletiva, através do património material (museus, monumentos, escolas, arquivos, e comemorações) ou património imaterial (leis, a língua, hábitos e costumes), e isto contribui para a preservação do passado no presente.”. (p.146). Barca e Pinto (2014, citado por Solé, 2017) dizem que “o património tem uma história, é a expressão de uma comunidade, da sua cultura nas suas especificidades e convergências ao longo do tempo, sendo por isso um fator identitário.” (p.147).

Segundo Pinto (2014), através da seleção de temas que poderão ser transportados no âmbito da história local. Tal permite a introdução de forma adequada a abordagem da educação patrimonial, e exemplifica com um museu local específico ou mais generalista ou locais históricos próximos da escola. A mesma autora explica que a transversalidade que caracteriza a educação patrimonial resultante da heterogeneidade inerente ao património desde o material ao intangível, do cultural ao natural, do móvel ao imóvel, permite que “a realização de atividades relacionadas com o património histórico-cultural de uma comunidade favoreça a aprendizagem de conceitos históricos, o que envolve não só a compreensão de situações do passado, apresentadas por especialistas, mas também a experimentação de procedimentos metodológicos que permitam aos alunos a interpretação de fontes diversas apoiando a compreensão da evidência histórica.” (Pinto, 2014, p.5).

Era isso que se pretendia com a realização do projeto que se apoiou na estratégia da *webquest* composto por vários desafios que fosse possível favorecer aprendizagens sobre a comunidade em que os alunos estavam inseridos e que possibilitasse compreender situações históricas passadas, mas também que compreendessem evidências histórias através das suas pesquisas e que conseguissem interpretar essas mesmas evidências.

Segundo Rêgo (s.d) ao trabalhar-se o património cultural como fonte de conhecimento, trabalha-se também paralelamente a memória, seja de forma coletiva ou individual. A mesma autora salienta que educação patrimonial apresenta-se como uma metodologia viável no campo educacional, mais especificamente no ensino da História, sobretudo “a educação patrimonial deverá procurar estabelecer uma relação de afecto da comunidade pelo património. Desta forma desencadeia-se um processo de aproximação da população

ao património, à memória, aos bens culturais, de forma agradável e lúdica, devendo contemplar todos os grupos de idades e ser aplicada a qualquer bem cultural.”. (Pereira & Cardoso, 2003, p.113).

Com decorrer da PES e com o apoio sobretudo da professora orientadora de estágio, mas também dos restantes professores e da professora cooperante da turma foi possível construir uma estrutura em relação ao projeto de investigação. O primeiro passo seria construir um questionário de forma a perceber o conhecimento que os participantes já possuíam sobre a cidade onde estudavam e o seu património. (apêndice 1).

A metodologia selecionada foi a *webquest*. A *webquest* consiste na procura de informação, por norma *online*, mas poderá ser feita, por exemplo em livros, com o intuito de responder a determinadas questões. E essa foi a grande razão para a seleção desta metodologia, pois desta forma ao pesquisarem para responder aos desafios, os alunos iriam obter novas informações relativamente ao património local da cidade onde estudam. Através da realização do questionário inicial foi perceptível verificar que grande parte dos participantes tinham algum conhecimento sobre os monumentos históricos, no entanto tinham pouco conhecimento em relação à atividade piscatória. Foi ainda possível verificar que tinham pouco ou até mesmo nenhum conhecimento sobre as lendas, pontes, ruas e estradas históricas, e por último que grande parte dos participantes relacionava monumentos com património. Também foi realizado rapidamente com a ajuda da professora cooperante da turma.

Dividiram-se as tarefas propostas na *webquest* em três partes: a primeira parte seria sobre o papel da pesca e a indústria na comunidade piscatória, a segunda parte seria relacionada sobre as pontes e ruas históricas da cidade e por fim a terceira parte seria sobre as lendas e tradições. Optou-se pelo trabalho colaborativo, com grupos de 3 a 4 elementos.

A *webquest* foi realizada em três sessões, com dois desafios, o que contabilizou um total de seis desafios; a avaliação dos participantes seria concretizada através de um sistema de pontos por cada desafio realizado. Além das três sessões foi realizada a sessão zero, que seria a sessão no qual se procedeu à apresentação da *webquest* e à constituição dos

grupos de trabalho. Por fim existiria uma sessão final com o propósito de cada grupo apresentar o seu trabalho e se ver as pontuações.

Focando mais concretamente em como funcionou a *webquest*, não decorreu exatamente como inicialmente planeado, pois era necessário computadores/*tablets* e *internet*, só que na sala de aula não era possível aceder à *internet* tendo sido necessário encontrar uma solução. A solução para o problema foi o professor em formação fornecer textos retirados de *sites*, que ajudariam a responder às tarefas propostas na *webquest*.

Infelizmente devido a questões relacionadas com a PES e com a criação da *webquest* e conjugando também os horários e as atividades de final de ano da turma foi impossível realizar a sessão final, dessa forma não foi possível os participantes apresentarem os seus resultados à restante turma, nem realizar o sistema de pontuações.

Por fim, quanto aos objetivos delineados inicialmente:

-Investigar sobre a história e o património histórico-cultural da cidade onde se realizou a PES: Os alunos da turma conseguiram realizar o pretendido com este objetivo, pois a realização da *webquest* fez com os alunos tivessem que pesquisar mais informação de forma a responder aos desafios propostos, o qual se verificou ter sido eficaz no sentido em que comparando as respostas no questionário inicial com as respostas do desafio, demonstra que a investigação feita pelos alunos fez com que conseguissem ter um maior conhecimento sobre a história e o património da cidade onde se realizou a PES.

-Desenvolver competências operativas de recolha, tratamentos e análise de informação a partir do estudo do Património Local: De forma a responder aos desafios propostos na *webquest* os alunos tiveram de conseguir ter a capacidade necessária para responder especificamente a cada desafio, portanto não poderiam selecionar qualquer informação, tiveram de ter competências no sentido de recolher informações importantes para cada desafio. Isso ficou comprovado nas respostas dadas a cada desafio por parte dos alunos, pois retiravam sempre as informações essenciais a cada desafio proposto, o que demonstrava um desenvolvimento na capacidade de análise e recolha de informação dos mesmos.

-Promover conhecimento e a valorização, por parte dos alunos, do património histórico e cultural da onde estudam: Os alunos através das informações que recolheram conseguiram reter muita informação nova sobre a cidade onde estudam, e importante dizer novamente que foi perceptível verificar isso mesmo ao comparar as respostas do questionário inicial com as respostas dos desafios da *webquest* dadas por parte dos alunos. O trabalho de pesquisa, recolha e seleção de informação fez com que os alunos desenvolvessem novos conhecimentos e também uma nova valorização em relação ao património histórico e cultural da cidade onde realizam os seus estudos.

Em suma todo o trabalho da *webquest* produziu nos alunos novos conhecimentos e um sentido de valorização relativamente ao património local da cidade onde estudam. É importante, todavia, reconhecer que esta foi abordagem a uma metodologia muito limitada e condicionada pelas circunstâncias do momento. Foi, portanto, uma aproximação.

Também referir que os dados recolhidos foram escassos e que as notas de análise aqui partilhadas são sobretudo perceções recolhidas no momento. Ir mais além exigiria mais tempo e mais dados.

CONCLUSÃO

A finalidade deste RE era permitir ao leitor perceber como decorreu todo o estágio, desde o contexto escolar onde o mesmo se realizou, analisar e caracterizar as turmas nas quais existiu a possibilidade de intervir enquanto professor em formação e, sobretudo, apresentar exemplos das práticas pedagógicas concretizadas, refletindo sobre as mesmas.

No estágio não se observou apenas aprendizagens significativas por parte dos alunos, mas também do outro lado, ou seja, do professor em formação. Todo o percurso realizado durante o ano letivo, foi composto por altos e baixos, houve momentos em que sentia uma falta de confiança como professor em formação tanto dentro como fora da sala de aula, foram muitos os desafios que tiveram de ser encarados e ultrapassados para evoluir e para poder melhorar. Obviamente a fase inicial foi uma fase de estar na expectativa, pois não tendo uma experiência prévia do que era ser um professor em formação, existia sempre um receio do desconhecido e por vezes algumas questões que despertavam um sentimento de dúvida em relação às capacidades como professor em formação. Ocorrem falhas e erros, mas com decorrer do tempo foi possível compreender que os mesmos fazem parte do percurso e que são a partir deles que se aprende, corrige e melhora, e foi exatamente isso que aconteceu.

Tal como já como foi referido no documento, foram muitos os aspetos que sofreram melhorias significativas. Um destes aspetos foi planificar. As primeiras planificações eram mal estruturadas, mas com um grande apoio dos professores supervisores e das professoras cooperantes, foi notória uma evolução ao longo do percurso.

Um outro aspeto importante foi ter a possibilidade de “aventurar”, ou seja, lecionar diferentes áreas curricular, utilizar diferentes estratégias e recursos. A utilização da tecnologia, as tarefas que envolvessem trabalho manual ou trabalho colaborativo eram formas de aumentar o interesse dos alunos nas atividades propostas e era algo que se procurava introduzir nas intervenções sempre que fizesse sentido tendo em conta a matéria a ser trabalhada e a forma como se queria trabalhar a mesma.

O projeto de investigação também teve um peso muito importante no estágio, pois foi uma primeira introdução ao que é investigar em educação, tendo de escolher as metodologias, definir objetivos, estruturar sessões e analisar esses dados para verificar se o impacto que se esperava ter nos alunos tinha sido atingido.

Em suma, foi um ano letivo cheio de experiências enriquecedoras e de uma grande evolução, que vai ajudar muito a impulsionar em muitos mais anos enquanto professor e foi realmente uma experiência muito valiosa e gratificante.

BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, P. (2015). O Construtivismo e Jean Piaget. *Educação Pública*. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/12/o-construtivismo-e-jean-piaget>.
- Custódio, S. (2018). *Gestão de conflitos em contexto escolar: diferentes perspectivas- Docentes, Técnicos e Alunos*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Psicologia e Educação do Porto.
- Guimarães, F. (2014). *Que Expectativas para o professor do século XXI?* (Relatório de Estágio). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fernandes, R. C. (2021). *Na Transformação de um Professor*. (Relatório de Estágio) Escola Superior de Educação do Porto.
- Fino, C. (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa da Educação*, 14 (2), 273-291.
- Hagemeyer, R. (2004). Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos de mudança. *Educar*, nº 24, pp.67-85.
- Jesus, C. (2012) *Gestão de conflitos na escola*. Instituto Politécnico de Beja.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: Imagem do futuro presente*. Educa. Universidade de Lisboa.
- Paradella, A; Santos, B; Pinto, D & Pinese, J. (2020). O uso de vídeo como método de ensino e recurso didático. *Revista InovaEduc*, (6), 1-17.
- Pereira, M & Cardoso, A. (2003). *A escola e a educação patrimonial: perspectivas de intervenção*. Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS) do Instituto Politécnico de Viseu.
- Pinto, H. (2014). *Desafios da Educação Patrimonial: o ensino e a aprendizagem de história em sítios patrimoniais*. CLIO. History and History teaching. MEC/ Universidade do Minho.
- Rêgo, S. (s.d). *A educação patrimonial e o ensino de história*.
- Silva, A. (2017). *Contributo sobre o conceito de trabalho colaborativo*. Agrupamento de Escolas José Régio.
- Silva, M. (2016). *Os desafios da prática docente na atualidade*. (Trabalho de conclusão de curso). Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/41985/2/OsDesafiosPr%C3%A1ticaDocenteAtualidadeArtigo%20Cient%C3%ADfico2016.pdf>

Solé, G. (2017). Educação Histórica e Educação Patrimonial: desafios da investigação em Portugal. In Pedro Miralles, Cosme J. Gómez & Raimundo Rodríguez (Eds), *La enseñanza de la historia en el Siglo XXI: Desarrollo y evaluación de competencias históricas para una ciudadanía democrática* (pp. 145-166). Universidade de Murcia. <http://libros.um.es/editum/catalog/book/1781>

Souza, F. (2020). *Inovar no ensino: O perfil do professor do século XXI*. (Relatório de Estágio) Escola Superior de Educação do Porto.

DOCUMENTOS LEGAIS

Lei nº 49/2005 de 30 de agosto. *Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior*. Diário da República nº 166/2005, Série LA de 2005-08-30. Ministério da Educação.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/49-2005-245336>

Decreto-Lei nº 74/2006 de 24 de março. *Aprova o regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior*. Diário da República nº 60/2006, Série I-A de 2006-03-24. Ministério da Educação, Tecnologia e Ensino Superior.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/74-2006-671387>

Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro. *Aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário*. Diário da República nº 38/2007, Série I de 2007-02-22. Ministério da Educação.

<https://dre.tretas.org/dre/206948/decreto-lei-43-2007-de-22-de-fevereiro>

Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de agosto. *Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico*. Diário da República nº 201/2001, Série I-A de 2001-08-30. Ministério da Educação.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/241-2001-631843>

Decreto-Lei nº 55/2018 de 6 de julho. *Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens*. Diário da República nº 129/2018 Série I de 2018-07-06. Presidência do Conselho de Ministros.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>

APÊNDICES

Apêndice 1

O que sabes do Património de ...?

Através da vossa colaboração neste questionário gostava de perceber melhor o que conhecem sobre o património da vossa cidade. Para me ajudarem basta responder de forma sincera. O questionário é anónimo.

Obrigada pela vossa colaboração, Cláudio Pinheiro.

1. Preenche a seguinte tabela.

A minha freguesia é...	Pertenço ao concelho...	O meu distrito é...

2. Quanto ao património de ..., coloca uma cruz nas respostas que mais de adequam ao teu conhecimento.

O Património histórico de ...				
	Nenhum conhecimento	Pouco conhecimento	Algum conhecimento	Muito conhecimento
Monumentos históricos de ...				
Atividade piscatória e conserveira em ...				
Lendas históricas de ...				
Estradas, ruas ou pontes históricas de ...				

3. Faz as seguintes correspondências entre as imagens e as suas legendas



Nome do monumento



Nome do monumento



•

Nome do monumento



•

Nome do monumento

4. Já fizeste alguma visita a ... (cidade ou conselho), ou no 1º Ciclo ou no 5º Ano? Se sim, consegues dizer onde foste e com quem?

5. Para ti, o que significa Património?

M

MESTRADO

Em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e
História e Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico

**Património Local como eixo para a Prática
Educativa Supervisionada**
Cláudio Chaves Pinheiro

